



CORONAVÍRUS

Bolsonaro e Maia politizam temor de empresários com risco econômico do vírus

Setor privado questionava isolamento total por tempo prolongado; farpas entre Poderes causa desconforto

26.mar.2020 à 1h00

Ivan Martínez-Vargas

Joana Cunha

Alexa Salomão

SÃO PAULO A discussão já tem alguns dias. Parte dos empresários começou a questionar a necessidade de um isolamento quase absoluto da população, por tempo prolongado, como melhor estratégia das autoridades de saúde para enfrentar a [pandemia do novo coronavírus no Brasil](#).

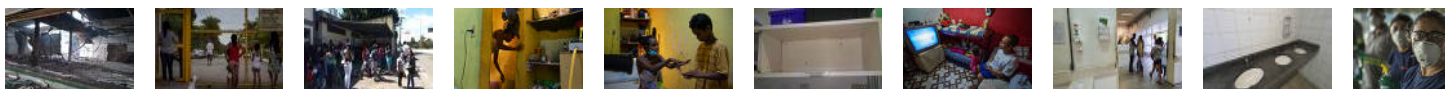
As medidas [de restrição ao trânsito de pessoas e funcionamento do comércio](#) implementadas pelos estados afetaram por tabela operações industriais e têm [efeitos ainda imprevisíveis para o crescimento](#). Já há [economistas projetando recessão em 2020](#).

Para uma parcela do empresariado, a política de proteção à saúde, se mal calibrada pelos governos brasileiros, pode deixar as pessoas no isolamento por mais tempo do que o necessário para efeito de proteção contra a doença —e prejudicar de forma injustificável a economia.





PORTO FELIZ, SP, 17-03-2020 - Destruição no CPP (Centro de Progressão Penitenciária) Porto Feliz, após motim de presos nesta segunda-feir...



Nos últimos dois dias, essa discussão, que era de caráter econômico, ganhou contornos políticos, causando enorme desconforto entre empresários de diferentes setores.



Na noite de terça-feira (24), o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) [defendeu em pronunciamento nacional a retomada das atividades](#) e o isolamento apenas de grupos de risco, [contrariando infectologistas, a OMS \(Organização Mundial da Saúde\) e governadores dos estados](#).

Na tarde desta quarta-feira (25), foi a vez do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Em resposta a Bolsonaro, Maia atribuiu a pressões do mercado financeiro os movimentos em defesa do fim de medidas menos rigorosas de enfrentamento à pandemia.

“A gente não pode [deixar de cuidar das pessoas porque as pessoas estão perdendo dinheiro na Bolsa de Valores](#)”, disse Maia em reunião do fórum de governadores, que reuniu gestores de 26 estados.

Entre os grandes empresários ouvidos pela reportagem, a maioria do setor produtivo, essas trocas de farpas políticas estão atrapalhando, tanto o combate à doença quanto ações em favor da economia.

Para o vice-presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e presidente da Abiplast (associação da indústria do plástico), José Ricardo Roriz Coelho, “o momento atual exige convergência e união de forças para mitigar o problema humanitário do vírus”.





José Roriz Coelho, vice-presidente da Fiesp, na sede da Abiplast. - Karime Xavier - 29.jul.19/Folhapress

O empresário se [disse surpreso com a fala de Bolsonaro](#). Segundo ele, “deixa a população mais ansiosa e preocupada. De um lado, há empresários com os negócios parando e sem dinheiro para pagar contas. De outro, uma população que não quer correr riscos e tem recomendações para ficar em casa”.

“Seria bom que o Executivo se entendesse com o Congresso e com os governadores para ter uma posição única no enfrentamento do problema. Precisamos de um rumo.”

O empresário Ricardo Lacerda, sócio-fundador do BR Partners Banco de Investimento, nem discute questões econômicas. Está no grupo que acredita ser melhor seguir a orientação da OMS. “Não é hora de inventar, é hora de proteger vidas. O resto trabalharemos para recuperar depois”, afirma o banqueiro.

Alguns, porém, acham que o país precisa encontrar uma forma de atender ao mesmo tempo saúde e economia. Essa é a avaliação do empresário [Rubens Menin, fundador da incorporadora MRV](#) e sócio de negócios em vários segmentos, como o Banco Inter e o [canal de televisão CNN Brasil](#).

“O que a gente precisa entender agora é como compatibilizar, com inteligência, a curva de crescimento da doença com a capacidade hospitalar. Feito isso, podemos avançar. Um dia, a economia precisa voltar. E, quanto mais cedo for, sem prejuízo das pessoas, melhor será”, afirma.

O empresário Rubens Menin, fundador da MRV, uma das maiores construtoras do país. - Bruno Santos - 26.set.19/Folhapress

Menin diz ter agora duas preocupações: não deixar quebrar a rede de distribuição que leva insumos e produtos para manter o abastecimento, e preservar pequenas e médias empresas. Ele afirma, porém, que vai ser difícil fazer isso com a escalada de conflitos políticos.

“A briga entre Poderes atrapalha os negócios, mas atrapalha ainda mais a população, que fica desorientada. Ela vê uma autoridade falar uma coisa e outra falar outra”, diz.

“Precisamos unificar o discurso. O Brasil é o único país em que está acontecendo essa desunião. Isso é ruim. Todos os outros países têm discurso unificado. Até os Estados Unidos, onde o presidente é mais polêmico, está unificado”, afirma.

Abilio Diniz, da Península Participações, também pediu união ao participar de evento virtual promovido pela corretora XP nesta quarta.

“O Brasil tem que voltar a crescer. Só precisa de uma solidariedade em todos os Poderes. Mas tem gente consciente que vai fazer o que tem que fazer. [O \[Paulo\] Guedes \[ministro da economia\] vai botar dinheiro](#)”, disse, em referência a medidas anticíclicas do governo federal.

Rubens Ometto, presidente do conselho de administração da Cosan, considera pouco [15 dias de quarentena](#), embora diga entender as preocupações dos empresários.

“De um lado, você não pode deixar a máquina econômica parar de girar porque senão vai ser muito ruim para todo o mundo. E, ao mesmo tempo, precisa dimensionar com correção quais são os efeitos reais desse vírus”, diz o empresário.

Rubens Ometto, presidente do conselho de administração da Cosan - Bruno Poletti - 3.set.14/Folhapress

Para Luiz Urquiza, diretor-executivo da rede de academias Bodytech, a prioridade deve ser seguir as recomendações da OMS, mas as autoridades devem ter um plano claro de saída da crise. Ele cobra prazos e previsibilidade.

“Temos que ter uma perspectiva sobre como retomar a atividade econômica em um país com proteções sociais tão frágeis”, diz. Sua empresa, que emprega 5.000, colocou os funcionários em férias coletivas por 15 dias, prorrogáveis por mais 30.

Tayguara Helou, presidente do Setcesp (sindicato das transportadoras de São Paulo) e diretor da Braspress, é um dos críticos do isolamento de toda a população.

“Não podemos nos dar ao luxo de fazer o isolamento total, tem de ser o parcial [de pessoas de grupos de risco]. Temos uma situação econômico-social muito diferente de países como a Itália, que adotaram a quarentena”, afirma.

Para ele, um “lockdown” (bloqueio, em inglês) no país causaria demissões em massa e grande prejuízo econômico.

“Já vimos uma queda na demanda no setor das transportadoras, que é responsável pela logística de matéria-prima, embalagens, insumos e produtos finais. A maioria das empresas não aguenta 30 dias nesse cenário [de isolamento]”, afirma ele.

A Braspress, que tem 6.000 funcionários, tem dado férias a parte dos empregados e aumentado a utilização de terceirizados, diz.

Junior Durski, da rede de restaurantes Madero, [foi um dos que criticaram publicamente medidas mais restritivas](#), como a proibição ao funcionamento do comércio, no combate à pandemia.

Durski recebeu críticas por ter publicado um vídeo em redes sociais em que dizia, por exemplo, “não podemos [parar] por conta de 5 ou 7 mil pessoas que vão morrer [em decorrência do coronavírus].” Em seguida, [pediu desculpas e disse ter sido mal interpretado](#).

À **Folha** o empresário, que declarou o voto em Jair Bolsonaro em 2018 e é sócio de Luciano Huck, reiterou oposição ao isolamento total.

“Essa quarentena horizontal, a cada dia que passa, tem consequências grandes. Eu duvido que o Brasil aguente 15 dias sem que as pessoas se desesperem, vai faltar dinheiro para comprar comida.”

Junior Durski, presidente da rede de restaurantes Madero - Brunno Covello - 19.abr.18/Folhapress

No Madero, ele diz que as vendas caíram 88% em relação ao nível pré-isolamento.

“Abrimos apenas para entregas. Temos caixa para manter nossos 8.000 empregados por três meses, mas a maioria dos restaurantes quebra em duas semanas”, afirma Durski.

O empresário diz concordar com o pronunciamento de Bolsonaro e que o presidente faz um bom governo. “Eu penso exatamente igual, tem que voltar ao trabalho.”

Afranio Barreira, sócio da rede de restaurantes Coco Bambu, também afirma estar preocupado com as consequências econômicas da paralisação das atividades.

“Eu entendo as premissas das organizações de saúde, elas estão corretas, mas, se mantivermos as empresas fechadas para além do fim do mês, muitas delas vão ter de demitir em massa. Eu estou muito preocupado porque a maioria da população recebe de manhã e gasta à tarde, não tem poupança”, diz.

Na rede, que fatura R\$ 1 bilhão ao ano, segundo o empresário, as vendas caíram em torno de 80%.

“Estamos trabalhando com serviço de delivery e equipe reduzida e temos reserva de caixa, não vamos demitir os funcionários”, afirma.

Marcílio Pousada, diretor-executivo da RaiaDrogasil, de farmácias, afirma que mesmo o seu segmento, que sentiu impacto positivo nas vendas com a alta procura por máscaras e álcool em gel, sofre retração de demanda com o isolamento social.

Para ele, é importante manter o isolamento para conter a pandemia, especialmente as do grupo de risco.

“Deveria existir mais colaboração como um todo, mais trabalho em conjunto [das autoridades].”

★ ★ ★

relacionadas

Paulo Guedes vai colocar R\$ 600 bilhões na economia, afirma Abilio Diniz

Bolsonaro vai liberar funcionamento de lotéricas durante quarentenas por coronavírus

Com coronavírus e dólar alto, gasto de brasileiro no exterior cai 32% em fevereiro

Copyright Folha de S.Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da [Folhapress](#).